

**O NASCIMENTO DO QUILOMBO BRASILEIRO ATRAVÉS DO  
ATLÂNTICO E A SUA ORIGEM NO CONTINENTE AFRICANO NO  
SÉCULO XVI**

**THE BIRTH OF THE BRAZILIAN QUILOMBO ACROSS THE ATLANTIC  
AND ITS ORIGIN ON THE AFRICAN CONTINENT IN THE 16TH  
CENTURY**

Jean Pierre de Cristo<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo pretende trazer as origens do nascimento do que entendermos como quilombo, uma vez que no Brasil do século XVII os primeiros mocambos e quilombos começaram a ter um novo significado na linguagem pelo colonizador português e criar um novo conceito para oral para combater o apagamento colonial que resumiu uma sociedade amplamente forte em apenas um lugar de esconderijo de pretos. Entender as diferenças entre o quilombo em África e no Brasil na condição de refúgio para sobrevivência de uma nova sociedade socioeconômica e cultural na formação de novos povos entre os séculos XVI e XIX.

**Palavras-chave:** Quilombo. Origem. Cultura. Sociedade.

**Abstract:** This article aims to bring the origins of the birth of what we understand as quilombo, since in 17th century Brazil the first mocambos and quilombos began to have a new meaning in the language by the Portuguese colonizer, and to create a new concept for oral to combat the colonial

---

<sup>1</sup> É formado em História, pós-graduado em História e Cultura Afro-brasileira e também em Antropologia brasileira. Pesquisa a formação quilombola na Região dos Lagos desde 2015, e desenvolve trabalhos sobre a formação escravocrata afro-indígena no Brasil. Membro do Instituto Histórico de Iguaíba Grande, Academia Cabofriense de Letras e do Coletivo Cultural Olhar da Perifa.

erasure that summarized a largely strong society in just a hiding place for blacks. Understand the differences between the quilombo in Africa and in Brazil in the condition of refuge for the survival of a new socioeconomic and cultural society in the formation of new peoples between the 16th and 19th centuries.

**Keywords:** Quilombo. Origin. Culture. Society.

## **Introdução**

As comunidades quilombolas brasileiras passaram por várias mudanças ao longo do tempo, desde o período colonial com o sistema escravocrata implementado pelos portugueses no Brasil ainda na metade do século XVI. Hoje As comunidades do nosso país estão cada dia mais consciente de sua força e a importância dentro do cenário cultural e socioeconômico e assumiram de forma plena ou pertencimento de serem quilombolas. Mas nem sempre foi assim ao longo dos séculos principalmente entre os séculos XVI e XIX, ser quilombola era sinônimo de rebeldia e desobediência na visão dos colonizadores, e foram perdendo o verdadeiro conceito histórico do significado do que é um quilombo, e ficaram limitados na construção oral do colonizador como “lugar de negros fugidos de engenhos e fazendas. não bastasse a escravidão perpétua condicionada aos africanos que chegaram ao Brasil a partir do século XVI sendo empurrados para trabalharem dias e noites é um processo doloroso sem nenhuma remuneração esses africanos Foram perdendo também todos os seus conceitos culturais entre eles o fortalecimento da palavra quilombo, que era o lugar onde eles se refugiavam para criarem uma nova sociedade antes escravocrata oriundo ainda no continente africano.

Os africanos escravizados trazidos para o Brasil foram muito resistentes ao processo na qual colonizador imputou sobre eles para serem apenas um produto do Mercantilismo português, mas eles em sua maioria não foram passivos a essa forma de escravização e é errado pensar dessa forma que os negros se submeteram facilmente a esse processo doloroso causado pelo colonizador.

Houveram no Brasil revolta significativas em todo em todos os lugares em que haviam seres humanos escravizados e os quilombos eram esses lugares lugar de liberdade para aliviar as dores do chicote do seus senhores era ali que negros se aquilombavam Muitas das vezes com os povos originários criando ali um quilombo pluriétnico onde trocamos experiências de sobrevivência para combater o mesmo inimigo os portugueses ferozes pela escravização afro-indígena.

O quilombo lugar de auto resistência contra o sistema colonial não é apenas um lugar de “negros fugidos” esses espaços de abrigo possuía um papel fundamental na formação social do africano aquilombado, é ser além de resistente, também carregar em si uma força ancestral gerado por todos aqueles que estiveram na luta contra a escravidão colonial e que morreram pela permanência do espaço e a manutenção do território de quilombo em forma de liberdade, os quilombos de tinham várias funções.

De acordo com Carneiro:

O quilombo, por sua vez, era uma reafirmação da cultura e estilo de vida dos africanos. O tipo de organização social criada pelos quilombolas estava próximo do tipo de organização então dominante nos Estados africanos. (CARNEIRO, 1958, p. 14).

São essas organizações que mantêm os quilombos na história, pois agregam cultura, sociabilidade e estilo de vida próprio, sendo que cada comunidade quilombola tem as suas próprias características desenvolvidas de acordo com a cultura do território na qual ela foi constituída ao longo do tempo. Os quilombos têm valores atemporais no processo de construção da nossa sociedade, antes o que era um lugar de “negros fugidos”, passou a ser uma nova sociedade rural ou urbana em que se mantém toda uma cadeia produtiva que alimenta de forma direta as cidades, e que cultiva de forma sistemática os saberes ancestrais.

## O Nascimento do Quilombo em África

Importante ressaltar que não podemos falar sobre o nascimento do quilombo sem citar a historiadora Beatriz Nascimento<sup>2</sup>, que mergulhou profundamente neste universo, descortinando o conceito da palavra quilombo<sup>3</sup> e seu verdadeiro significado para além do conceito criado pelo colonizador português em terras brasileiras. Para Nascimento (1976) “Não se pode estereotipar o quilombo, reduzindo a um refúgio depreciativo, como um verbete no dicionário da língua portuguesa, escrito por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, que define o quilombo como “Valha-coito de escravos fugidos”. Na concepção histórica de Nascimento (1977), o quilombo já nasce como uma sociedade, o quilombo é uma condição social. Infelizmente a sociedade colonial que produziu o sistema escravocrata, além da barbarie da escravidão africana, reproduziram mecanismos para diminuir também os aspectos sociais das pessoas negras no Brasil, sejam elas orais, religiosas e culturais, e essas ações são produções que nasceram dentro dos espaços de aquilombamento.

Mas dentro deste pensamento histórico analisado pela historiadora Beatriz Nascimento, é possível entender o nascimento desta comunidade social e econômica fora da visão do colonizador, pois o quilombo é uma construção que remonta o século XVI ainda no continente africano, e que depois começou a ser desenvolvido de forma pejorativa em outros lugares sistematicamente pelo opressor que escravizou esses africanos em vários lugares pelo mundo. Neste sentido Birmingham (1973) em sua obra, *A Conquista Portuguesa em Angola* trouxe uma luz aos estudos de Beatriz Nascimento, onde ela pode narrar de forma clara o surgimento do quilombo em África.

Analisando os estudos de Birmingham, Nascimento cita que:

À medida dos conflitos existentes nas sociedades bantus da África centro-o-

---

2 Maria Beatriz Nascimento (1942 - 1995), foi uma historiadora, roteirista, poeta e ativista pelos direitos humanos de negros e mulheres. Estudou profundamente a origem dos quilombos em África produzindo vários livros sobre o assunto, infelizmente teve sua morte precoce, foi silenciada por feminicídio aos 52 anos em 1985 no Rio de Janeiro, deixando um inesgotável legado histórico.

3 Quilombo, tem origem no idioma quimbundo ou kimbundo, falado por povos Bantu, principalmente na região de Angola.

cidental no momento da penetração portuguesa, diversas etnias se entrecam, se sucedem no mesmo espaço, seja adquirindo um novo momento, seja resistindo a essa penetração. Dentre essas vamos encontrar os Imbangalas, também conhecidos como Jagas, caçadores vindo do Leste que, por volta de 1560, começaram a invadir o Reino do Congo e por volta de 1569 tinham conseguido expulsar o rei e os portugueses da capital, obrigando-os a exilar se em uma ilha no rio. (NASCIMENTO, 1985, p. 42).

Dentro desta narrativa entre as pesquisas de Beatriz Nascimento (1985), e que podemos entender o nascimento do termo quilombo, pois anterior a esse episódio entre as invasões portuguesas e a introdução dos Imbangalas entre os Reinos do Congo e Angola, não havia essa denominação de “quilombo” ou seja a palavra como uma nova sociedade de indivíduos que precisaram se abrigar devido a invasões dos seus territórios, buscando uma nova alternativa para sobreviverem em coletividade. A partir deste momento no continente africano abriu-se para o mundo que produziam o mercantilismo da escravidão o conceito do que é um quilombo, sendo que ao ser introduzido no Brasil colônia, os colonizadores mudaram o seu conceito de um lugar pluriétnico, ou interétnico para apenas um simples lugar de negros fujões. Nos Estados Unidos, por exemplo, esses quilombos foram denominados de marrons e na América do Sul com exceção do Brasil viraram palenques.

No Brasil esses escravizados que fugiam para uma liberdade, eram cassados por algozes caçadores encomendados por fazendeiros, que começaram a criar o hábito oral de dizer que quilombo ao contrário de uma nova sociedade em busca de libertação, foi reproduzida de forma propositalmente pejorativa. Esses senhores fazendeiros não admitiam fugas e nem qualquer outro tipo de rebeldia e não consideravam esses escravizados africanos como seres humanos. Porém mesmo diante desses atos de rebeldia, ele entendia os escravizados como pessoas sem consciência e alienadas, sem poder suficiente para se organizarem e nenhuma capacidade de se reconhecerem enquanto classe (MOURA, 1988, p. 247). O colonizador no Brasil subestimaram a capacidade dos africanos escravizados em se organizar socioeconomicamente, entendiam que os quilombos eram meros espaços de fuga e que não poderiam sobreviver nas matas e sertões, e quando eram capturados por esses capitães do mato, ainda eram surrados, muitas vezes até a morte por se aquilombar. Ferreira (2020) comenta que: “O Brasil,

não sendo diferente de outros países que viveram sob o sistema escravagista, também conheceu a história da resistência escrava”.

Os quilombos brasileiros nascem ainda entre os séculos XVI e XVII quando se ouve falar das primeiras fugas de escravizados, ainda nos primórdios da escravidão africana em Pernambuco, eles tinham esse papel de fuga e resistência, mas no sentido de criarem neste lugares mocambos com características próprias onde após estarem livres, também libertariam outros escravizados para dentro desta nova sociedade criada a partir do pensamento atlântico do século XVI. Mas esse quilombo segundo Lopes (1987) afirma que o “quilombo é um conceito próprio dos africanos bantos que vem sendo modificado através dos séculos” (...) Quer dizer acampamento guerreiro na floresta, sendo entendido ainda em Angola como divisão administrativa (Lopes, Siqueira e Nascimento, 1987, p. 27-28). Diante deste pensamento podemos ver como foi aos poucos sendo descaracterizado o conceito verdadeiro do que é um quilombo, e na construção histórica isso faz muita diferença pois descaracteriza essa formação social criada no século XVI em África. No Brasil tivemos o conceito de fortaleza com o mais famoso quilombo que a história sempre eleva nos livros didáticos, que é Palmares, esse foi um quilombo muito ativo e que fazia esse papel de reconstrução de uma nova sociedade fora das garras dos senhores de engenhos, assim como outros quilombos como Macacos, Aquilumbas, Osenga entre outros que se dividiram entre Alagoas e Pernambuco, de acordo com D’Saete (2019) Macaco era o principal quilombo, tinham cerca de 6 mil pessoas aquilombadas, isso se comparado a Recife que em 1650 tinha 8 mil pessoas.

A historiadora Laura Perazza Mendes (2019) cita que:

Havia uma cultura política que esses escravizados traziam das regiões de língua bantu entre o Congo e Angola, que era a região que mais forneceu escravizados para Pernambuco.

São essas construções que ajudaram significativamente a evolução não somente das comunidades quilombolas, mas também na organização social e política do Brasil, esses povos,

principalmente os bantus muito contribuíram para a nossa sociedade, os quilombos criaram essas raízes de organização ainda no formação do Brasil trazendo mecanismos de defesa e sobrevivência contra o sistema escravocrata colonial. Manter essa construção histórica desta formação desde África é uma forma de não cairmos no engano do colonizador sobre a característica diminuição do que é de fato um quilombo e sua importância para a história do país para entendermos que os quilombos não eram tão isolados assim. De acordo com Mattos (2007) Quilombos eram comunidades independentes e não muito isoladas, que buscavam interagir com a sociedade, comercializando sua produção agrícola, mesmo que de forma clandestina, com a ajuda de pequenos comerciantes.

## **Conclusão**

Hoje as comunidades quilombolas que remanesceram deste processo da diáspora africana e que formaram suas bases ainda no período do Brasil colônia, já tinham uma administração consolidada que foi herdada pelos povos bantos, onde tinham domínio sobre formação em sociedade, economia e uma pluralidade cultural, que foi muito desenvolvida em outro território bem distante das suas origens. Diante disso foi preciso se readaptar em uma nova sociedade onde o poder do colonizador se fazia presente em tempo integral, mas as raízes do quilombo formado em África permaneceu entre os remanescentes que hoje mantém as tradições dos seus antepassados, preservando principalmente a cultura, mesmo tendo cada comunidade um modo de vida singular devido aos ensinamentos ancestrais, eles em tem algo em comum, que é a união, a circularidade entre si, mantendo uma sociedade pluriétnica e socioeconômica capaz de gerar o sustento de suas comunidades.

Silva (1987) nos dá uma base desta construção sobre o que realmente é um quilombo onde ele cita que: “Os quilombos não eram apenas locais de esconderijos para escravos fugidos. Tinham como característica fundamental a formação de aldeias, onde a liberdade era o imperativo para sua manutenção e sobrevivência”. Isso nos remete ao início da formação quilombola forjada pelos Imbangalas nos reinos do Congo e Angola na metade do século XVI, nos fazendo compreender

como é necessário quebrar esse desprezo do colonizador na formação original do quilombo no Brasil. É muito importante que haja novos estudos sobre a formação quilombola na sua raiz, estudos que nos leve as primeiras aldeias em África para entendermos mais sobre as origens das comunidades quilombolas do nosso país, pois de acordo com Oliveira (2023) ele cita “ A importância do estudo detalhado dos quilombos e das comunidades quilombolas - importância essa, histórica, social, política e principalmente cultural - para construção de uma cultura afro-brasileira”. Oliveira (2023) nos mostra como ainda precisamos estudar mais a fundo a questão quilombola no eixo África-Brasil, pois através de pesquisas e levando isso as salas de aulas em escolas fundamentais e médio, universidades e outros meios educacionais descobri como é enorme o desconhecimento sobre o assunto, e isso está ligado ao apagamento proposital sobre a história do nosso povo negro.

Construir esses elos entre a formação africana e o nascimento do quilombo no Brasil é uma forma de conectar as memórias ancestrais, estudar Maria Beatriz Nascimento também é fundamental para entender que o quilombo é muito mais do que uma simples fortaleza de negros, e olharmos para essas comunidades de fato como uma sociedade, e não como foi imposta de forma preconceituosa adotada pelos europeus. O Brasil é o maior país em comunidades quilombolas, cerca de mais de 1,3 milhão de pessoas quilombolas, isso é reflexo do país ter sido o maior receptor de africanos das américas entre os séculos XVI e XIX, isso de acordo com o IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, chegaram neste período cerca de 4 milhões de africanos oriundos vários países de acordo com as pesquisas de Reis (2000), e esses africanos formaram suas comunidades após a falsa libertação creditada a princesa Isabel. O Brasil precisa conhecer sua história, conhecer suas origens africanas e entender sobre a formação quilombola, suas culturas e as contribuições que esses povos tradicionais dão ao nosso país, e mais do que isso, é preservar toda essa cultura e memória, quilombo é ancestralidade.

## REFERÊNCIAS

BIRMINGHAM, Davi. A Conquista Portuguesa de Angola: A Regra do Jogo. Lisboa, 1973.

CARNEIRO, Edison. O Quilombo dos Palmares, 2ª edição. Companhia Editora Nacional, SP - 1958. Biblioteca Pedagógica Brasileira, Vol. 302.

D'SALETE, Luiz. BOLOGNESI, Luiz. Documentário Guerras do Brasil, 2019, produzido por Luiz Bolognesi para o canal Curta e em exibição no canal YOUTUBE. Fala do historiador e ilustrador Luiz D'Salete sobre Palmares extraída do documentário Guerras do Brasil.

FERREIRA, Fernanda Cristina Puchinelli. Decifrando as fugas escravas: Narrativas, senhores e fujões na cidade do Rio de Janeiro (1840-1850). Em Tempos de Histórias, Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da Unb, Brasília, 2020. nº 36, p. 402-422.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Dados sobre Brasil :500 anos de povoamento”.

LOPES, Helena Theodoro, José Jorge SIQUEIRA e Beatriz NASCIMENTO, 1987. Negro e Cultura Negra no Brasil. Rio de Janeiro, UNIBRADE/UNESCO.

MATTOS, Regiane Augusto. História e Cultura Afro-brasileira. São Paulo: Contexto, 2007.

MENDES, Laura Perazza. BOLOGNESI, Luiz. Documentário Guerras do Brasil, 2019, produzido por Luiz Bolognesi para o canal Curta e em exibição no canal YOUTUBE. Fala da historiadora Laura Perazza Mendes sobre Palmares, extraída do documentário Guerras do Brasil.

MOURA, Clóvis. Rebeliões de senzala: quilombos e insurreições, guerrilhas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. Historiografia do Quilombo. 1977. In: Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias da destruição. Maria Beatriz Nascimento. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. Quilombos: mudança social ou conservantismo? 1976. In: Beatriz

Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias da destruição. Maria Beatriz Nascimento. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. O Conceito de Quilombo e a Resistência Cultural Negra. Revista Afrodiáspora, 1985 - IPEAFRO. ano 3, Vol. 6 e 7.

OLIVEIRA, Márcio De. A Importância dos Quilombos para a construção de uma identidade e cultura afro-brasileira. Revista África e Africanidades, Ano XVI, ed. 47-48, ago a nov de 2023 - ISBN 1983-2354.

REIS, J.J. A presença negra, encontros e conflitos. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro, 2000.